

ISCAP 2015 / 2016

A INFLUÊNCIA DA CULTURA NA MÚSICA METAL

Curso de Assessoria e Tradução

Estudos Interculturais

Pedro Nuno Machado Ribeiro

Índice

O que é o metal?	4
História	4
Música	5
A evolução do metal	8
Proto-metal (1970-1974)	8
Heavy metal, Hard rock/Glam metal e Nwobhm (1975-1985)	8
Speed metal e Thrash (1981-1987).....	9
Underground metal (1985-1993).....	10
Nu-metal (1995-2005)	11
Hybrid metal (2005-2016).....	11
Conclusão	13

Introdução

O objetivo deste trabalho é mostrar a influência que a cultura exerce na música metal, disponibilizando, mais do que um trabalho, um estudo que permita também esclarecer algumas dúvidas e preconceitos relativamente a um género musical que tem pouca exposição e influência não só em Portugal, como em muitos outros países.

O metal é cultura, mas em muitos países não existe a cultura deste género musical. Este não é apenas um tipo de música, mas uma forma de vida com tradições e costumes próprios. A cultura do metal é um modo de distanciamento dos erros percetuais básicos inerentes ao pensamento que produziu a história humana e a sociedade, implementando a independência, consciência e valores ligados à satisfação e hedonismo como uma forma de expressão individual. O metal formou-se a partir de uma ideia básica de descrença nos valores inerentes da sociedade e a partir desse ponto examinou tabus e explorou medos, levando à adoção do niilismo como uma técnica intelectual para entender o caos que nos rodeia.

Tal como a cultura não é estática, o metal também não se limita a um tipo musical estático, mas que vai sofrendo modificações ao longo do tempo, dando origem a novos tipos de música. Iremos então estudar as circunstâncias sociológicas e ideológicas, que foram determinantes no aparecimento do metal e nas suas modificações, através de história humana, teoria musical, simbolismo e comportamentos. Por outras palavras, iremos ver de que forma a cultura influenciou o aparecimento e evolução deste género musical.

O que é o Metal?

História

O metal, também conhecido como heavy metal, é um género de música rock que se desenvolveu no fim dos anos 60 e inícios dos anos 70, maioritariamente no Reino Unido e Estados Unidos. O metal pode ser considerado o “filho” do rock, uma vez que tem as suas raízes nos blues e rock psicadélico. As bandas começaram a criar um som mais espesso, caracterizado pela distorção das guitarras elétricas, ritmos pesados e rápidos da bateria, vocais gritantes e pelo barulho em geral. As letras deste género musical são, de forma geral, associadas à masculinidade, violência, morte, práticas ocultas, hedonismo, fé, e temas convencionais de amor. No entanto, muitas bandas de heavy metal quebram essa generalização mostrando consciência social e evitando esses extremos.

No fim dos anos 60 o termo heavy metal foi utilizado para referir o hard rock (vertente mais pesada do rock), mas aos poucos começou a ser utilizado para descrever música tocada com ainda mais volume e intensidade. Enquanto o hard rock mantinha uma identidade do rock n’ roll com “cheiro” a blues e um certo swing no ritmo de fundo, os riffs do heavy metal funcionavam como melodias soltas e sem qualquer tipo de swing.

Os Led Zeppelin definiram os aspetos centrais daquilo que viria a ser o metal através da grande distorção utilizada na guitarra do Jimmy Page, e na forma dramática e explosiva de cantar do Robert Plant. Outras bandas, com um som metal mais consistente e puro, iriam ser igualmente importantes. Os Black Sabbath desenvolveram um som particularmente pesado, em parte, devido a um acidente industrial que o guitarrista Tony Iommi sofreu antes de fundar a banda com Ozzy Osbourne. Esse acidente negou-lhe a capacidade de tocar normalmente e fez com que tivesse de afinar a guitarra um tom mais baixo, alterando a frequência e por consequência o nível da distorção, de forma a facilitar-lhe a sua utilização. Os Deep Purple alternaram entre estilos no início da sua carreira, mas perto de 1969 o vocalista Ian Gillan e guitarrista Ritchie Blackmore levaram a banda a desenvolver uma vertente proto-metal.

Os Judas Priest chegaram entretanto para unificar e ampliar o conceito do heavy metal. Pela primeira vez, o heavy metal tornou-se verdadeiramente num género musical. Até à data não houve nada tão categorizador do género musical como os tempos rápidos, melodias pesadas, vocais estridentes e riffs explosivos dos Judas Priest.

Do heavy metal surgiram, mais tarde, vários subgéneros, muitos dos quais são referidos como simplesmente “metal”. Assim sendo, o heavy metal tem agora dois significados distintos: ou o género musical e seus subgéneros, ou as bandas heavy metal originais do estilo dos anos 70 (agora conhecidas como “metal tradicional”), como por exemplo os «Deep Purple», «Led Zeppelin» e «Black Sabbath».

Já vimos, de forma superficial, o que é a música metal e como apareceu, mas para entender a forma como a cultura influenciou o seu aparecimento e desenvolvimento é necessário aprofundar esta questão e descodificar os motivos do seu aparecimento.

Música

Para definir o heavy metal é necessário ter em atenção todos os seus atributos. O heavy metal é um estilo musical com determinados fatores composicionais sem os quais não se poderia chamar heavy metal. No entanto, aprofundando ainda mais, é também um conjunto de ideias que dá forma à sua composição, e sem elas é possível ter algo que soa a heavy metal, mas que não se encaixa totalmente nessa categoria musical. Musicalmente pode ser descrito da seguinte maneira:

I. Composta usando formas de power chord (uma técnica de execução de acordes geralmente usado em guitarras elétricas com distorção). Uma vez que estes acordes não têm um terceiro, não são nem maiores nem menores, e podem ser tocados em qualquer posição, o que permite escrever riffs mais dinâmicos, melódicos e longos.

II. Musicalmente “pesada”, deriva de um estilo de escrita que dá ênfase a um retorno de harmonia/melodia depois da “explosão sónica”. O estilo teatral das músicas do metal derivam de uma necessidade de formar momentos pesados (emocionalmente significantes) ao longo da música.

III. É “dark” (entenda-se obscuro), ou seja, usa distorção pesada, guturais estridentes, tempos intensos e rápidos ou extremamente lentos, é barulhenta e “feia”, como forma de tentar encontrar beleza na escuridão.

IV. Deve ter familiaridade com a linguagem musical metal do passado e habilidade de se reconstruir musicalmente e ideologicamente.

V. O uso da bateria deve respeitar uma certa cadência de forma a reduzi-la a uma constante (forma útil de manter o ritmo e o tempo da música).

O heavy metal nasceu das ruínas da música rock, das convenções desse género que possuía um “sabor” internacional no uso das suas estruturas musicais Anglo-Célticas, teoria musical Europeia, escalas Asiáticas, um instrumentalismo Árabe, convertido pelos Espanhóis e eletrificado pelos Americanos, e vocais tribais Africanos.

Estes remanescentes foram temperados por uma tendência de estruturas musicais do rock progressivo que se aproximavam às da música clássica Europeia, ritmos de bandas de garagem punk, e finalmente pelas tendências temáticas de músicas de filmes de terror, que foram emprestadas pelos compositores da era do Modernismo e do período Romântico, tais como Anton Bruckner, Richard Wagner, Camille Saint-Saens, Johannes Brahms, Robert Schumann e Ottorino Respighi.

Os traços da música modernista – melodia, repetição de temática, camadas de harmonia e inversão – alargaram o heavy metal além das suas raízes tradicionais, mas também o fizeram dar um passo atrás no tempo, em direção às origens da música Ocidental, libertando-o das estruturas harmónicas usadas para identificar escalas, voltando assim à forma composicional narrativa originalmente construída pelas primeiras civilizações, como os antigos Gregos. Quando a música clássica apareceu do rigor do estilo Barroco e aventurou-se no mundo teórico mas apaixonado dos Românticos (definido, por exemplo, pelo Beethoven), alcançou um lugar que exigiu uma reformulação para continuar a especialização artística. O ponto final de embarque seria libertar a melodia da estrutura harmónica complicada da música Romântica, para que a melodia fosse o principal foco (e não a harmonia). Com esta forma musical, que resultou num estilo a tender para uma escala cromática com a progressão de tons, o método de

composição narrativo alcançou o seu exponencial. A música adotou o “leitmotiv” de Richard Wagner, ou seja, uniu música com história, teatro e arquitetura musical.

O heavy metal herdou tudo isto, através de uma forma moderna, devido ao desejo de escapar à reação de dissonância cognitiva face à vida moderna. Em parte, este impulso surge do “metalhead” (metaleiro) que tem a ideia de que o indivíduo é impotente, excepto num futuro em que as previsões relativas à natureza negativa da sociedade moderna se tornarão reais. As pessoas que vêm maior parte da sociedade a entrar em negação porque não conseguem aguentar o seu status social inferior, o futuro precário da superpopulação e industrialização, e as motivações negativas escondidas debaixo da pretensão social (dissonância cognitiva), lamentar-se-ão mais pelas oportunidades perdidas quando os outros valorizam mais esconder a cabeça debaixo de areia do que tentar encontrar beleza na vida. É a convergência destas ideias que cria o lado Romântico violento e masculino, mas sensível do metal: é um género de procura de beleza na escuridão, ordem no caos, sabedoria no horror, e de restauração da humanidade através da procura de um caminho de sanidade – prestando atenção às coisas “pesadas” da vida que, por serem socialmente negadas, são deixadas de lado mas continuam a moldá-la.

Este mesmo princípio subjaz a música clássica Europeia e Greco-Romana, a ideia de uma motivação agressiva mas sábia e sensível, que tem tanto de religioso como científico, pacífico e hostil, porque compreende um princípio de ordem no universo e aceita-o como belo ou como o resultado harmonioso do confronto entre a escuridão e a luz. Não se deve, no entanto, pensar que o heavy metal é moralizador, no sentido de julgar como bom ou mau, nem se encaixa na abordagem hippie “paz e amor”, muito menos numa perspetiva conservadora de “ignorância é felicidade” da música mainstream. Sem comparação com qualquer outro princípio musical, a única coisa que une os vários empréstimos da música do período Barroco, rock, jazz, blues, folk, country, clássica e eletrónica ao heavy metal é o princípio Romântico de fazer o correto, não num sentido moral para o indivíduo, mas num sentido das questões pertinentes da adaptação humana ao universo.

“ (...) most of our problems today comes from religion and uncontrolled capitalism. I view humans as at their core a greedy animal, and I do not view this as something negative since this greed is what drives us forward. This greed is good if it is kept in check. I'm a strong champion of compassion and helping your fellow man. But for me this does not come from a religious point of view, it is from a humanistic point of view. I don't need any one to tell me to act like a decent human being, for me this should come naturally to everyone. If you need a priest to tell you to love your neighbor, well thats just ashame.” – Wilhelm Lindh

“ (...) Atualmente, maior parte dos nossos problemas vêm da religião e do capitalismo incontrolável. Eu vejo os humanos como um animal ganancioso, e não vejo isto como algo negativo, uma vez que a ganância é o que nos impele. Esta ganância é boa se for controlada. Sou um forte campeão de compaixão pelo ser humano. Para mim isto não vem de um ponto de vista religioso, mas humanístico. Eu não preciso de ninguém que me diga para agir como um ser humano decente, para mim isto deve vir naturalmente a toda a gente. Se precisas de um padre que te diga para amares o teu vizinho, bem isso é uma vergonha.” – Wilhelm Lindh

Por estas razões, enquanto o rock tem princípios musicais mais simples, e outras formas musicais, como o funk, têm técnicas muito específicas e próprias do género, o metal é um poliglota, ajudado pela flexibilidade que os power chords permitem. A habilidade de alterar entre acordes rapidamente sem qualquer obstrução harmónica levou a um desejo ainda maior de escrever riffs charmosos, o que fez com que a composição do metal se baseasse na construção frásica de riffs. Este processo evoluiu através da proliferação de subgéneros musicais que marcaram o desenvolvimento do heavy metal desde 1970.

A música heavy metal, como um género, compreende subgéneros que implementam a lista de categorias, descrita em cima, com diferentes graus de proficiência, deixando para trás as convenções do rock. Enquanto muitas destas mudanças ocorreram dentro do speed metal, foram alteradas durante o death metal e aperfeiçoadas com o black metal. Hoje em dia continuam a ocorrer mudanças no heavy metal e continuam a aparecer novos subgéneros com visões diferentes dos seus antecessores.

A Evolução do Metal

PROTO-METAL (1970-1974)

Os Black Sabbath mudaram o rumo da situação – misturando guitarradas de rock pesadas, rock progressivo, rock apocalíptico e sons de filmes de terror – quando o vocalista Ozzy Osbourne reparou que era “strange that people spend so much money to see scary movies” e pensou se os Black Sabbath (na altura chamados Earth) conseguiriam fazer música com esse mesmo efeito.

Enquanto músicos na comunidade rock fértil do Reino Unido, os Black Sabbath experienciaram uma grande variedade de influências. Do heavy rock retiraram o som básico dos power chords, dos sons dos filmes de terror as melodias longas e tenebrosas e do rock progressivo a sua estrutura complexa e variada. Os temas Nietzscheanos e apocalípticos da música foram retirados dos The Doors. Esta mistura forjou um novo estilo que cresceu do rock, mas que pela diferente forma também o rejeitou.

Estas influências acabaram por absorver outros, principalmente devido à simplicidade com que a música podia ser tocada, e mais bandas começaram a formar-se. Foi assim que a forma de tocar o heavy metal começou a tomar outros caminhos e a tornar-se cada vez mais complexa.

HEAVY METAL, HARD ROCK/GLAM METAL E NWOBHM (1975-1985)

Como referido anteriormente, o termo “heavy metal” refere-se tanto ao género musical em si, como ao metal tradicional dos anos 70. As sucessivas gerações de bandas metal simplificaram a variedade dos Black Sabbath para um conjunto de convenções identificáveis, misturando-a com influências hard rock dos Led Zeppelin e Deep Purple. As bandas de heavy metal encurtaram os longos riffs de power chords dos Black Sabbath e utilizaram riffs influenciados pelo rock, preenchimentos melódicos e guitarras harmonizadas. Isto fez com que aparecessem duas vertentes do heavy metal, em primeiro lugar um híbrido entre o rock e o metal (hard rock e glam metal), e em segundo lugar a NWOBHM (New Wave Of British Heavy Metal). Algumas das bandas influentes deste período foram os UFO, Thin Lizzy, Kiss, Van Halen, AC/DC, Guns N’ Roses, Motley Crue, Poison, Skid Row, Iron Maiden, Judas Priest, Motorhead e Venom.

O hard rock utiliza uma vertente muito rock e melodiosa, mas ainda mais pesada e focada nos riffs. Os AC/DC são um exemplo perfeito de hard rock. O glam metal é caracterizado por um som menos “cru” do que o hard rock, ou seja, é um som mais trabalhado. Isto deve-se principalmente ao facto das bandas glam utilizarem um estúdio de gravação profissional. As bandas glam utilizavam também uma vertente metal muito mais acentuado do que o hard rock. Para além destas diferenças este tipo de bandas tinham um visual muito forte caracterizado por um vestuário colorido e penteados extravagantes. Este visual nasce da necessidade de representar a teatralidade de Hollywood e a estética/arte das grandes cidades. Os Motley Crue são um exemplo de glam metal.

Em resposta à influência do glam metal, a NWOBHM tentou ultrapassar a força dos Black Sabbath, incorporando tempos mais rápidos influenciados pelo punk e arranjos musicais extensos de bandas do rock progressivo. Enquanto os Black Sabbath baixaram o tom dos instrumentos, a NWOBHM decidiu utilizar o tom original optando, em vez disso, por um som mediano. Para além disso, deixaram de utilizar tanto os power chords simples e começaram a implementar um trabalho de guitarra principal (lead guitar) e secundária (rhythm guitar), ou seja, a guitarra principal inovava constantemente a música e era responsável pelos solos, e a guitarra secundária era responsável pela condução da música, pelo ritmo. Isto criava melodia entre frases de acordes complexas.

O novo subgénero foi, também, buscar a sua intensidade ao crescente movimento punk, assim como à abordagem de publicação, promoção e gravação Do-It-Yourself (DIY). Esta abordagem tanto no punk como no metal apareceu em resposta à intensa comercialização do heavy metal, que resultou de um punhado de editoras que lançavam todo o material que o público experienciava, tornando o metal mais suave, calmo, pessoal e menos crítico face à sociedade. Em vez de contar com a ajuda de editoras, a NWOBHM lançou o seu próprio material, promovendo-o com panfletos e espalhando a palavra, cultivando assim uma audiência que instintivamente desconfiou do material comercial e aprovado socialmente. Como resultado, a NWOBHM manteve um status underground e evitou ser inundada pelo comercialismo. As bandas mais populares, como os Iron Maiden ou Judas Priest, deste movimento subiram à rede mainstream sem ajuda e influenciaram todos os que viriam suceder-lhes.

SPEED METAL E THRASH (1981-1987)

Depois do heavy metal ter sido absorvido pelo mainstream, as bandas que viriam a seguir procuraram ser mais rápidas e extremas com o intuito de evitar ser assimiladas, acreditando que o rádio e pressões sociais iriam impor uma linha que evitasse que a música demasiado alta e rápida chegasse a uma audiência mainstream. O speed metal apareceu de duas influências: a NWOBHM e os sons novos e intensos do hardcore punk.

Com álbuns de speed metal como o «Ride the Lightning» dos Metallica, as músicas tornaram-se em labirintos de riffs. Como resultado, as bandas procuraram uma forma de fazer os seus riffs “falarem” uns com os outros, através de um diálogo interno. O resultado fez com que os riffs encontrassem compatibilidade uns com os outros ao nível da “forma” ou semelhança de frase.

O speed metal sofreu uma falha fatal com este passo, embora fosse extremo, era também muito rítmico, como uma canção pop. As bandas começaram a adotar o estilo e a fazer música pop. Isto fez com que as bandas de speed metal viessem a público, e a partir de 1988 começou a lenta descida para a lotação esgotada. O momento crucial chegou quando os Metallica, a banda que jurou nunca lançar um vídeo, lançou um vídeo para a música “One”, com versos suaves e refrões distorcidos. Um ano depois, os Metallica lançaram um álbum com letras menos perturbadoras e estrutura musical mais simples. Acabou a era do speed metal.

A música thrash nasceu do híbrido do hardcore punk com o heavy metal. Ao contrário do speed metal, que se inclinou para a NWOBHM, o thrash baseou-se no lado mais extremo do hardcore e do heavy metal. O nome deste género musical aparece dos “thrashers”, ou skateboarders que gostavam tanto do hardcore como do heavy metal e

punk extremo. Estas bandas escreviam músicas curtas e fortes e as letras criticavam a sociedade no geral, evitando temas relacionados com política. Os thrashers escreviam com uma perspectiva de um dos membros mais desprivilegiados da sociedade, a cultura punk skateboard suburbana. Sem dinheiro, maioria e sem forma de fugir aos quilômetros de paisagem de casas todas iguais, os thrashers criticavam a sociedade em si como um erro e apontavam as suas deficiências com letras armadas de ironia.

O thrash estava destinado a acabar uns anos depois devido à preferência, da audiência, pela música hardcore e metal mais comercial.

UNDERGROUND METAL (1985-1993)

Onde anteriores gerações do metal esperaram ser aceites, a cena do metal underground esperou o contrário: desejava remover-se da mentalidade mainstream com bandas de uma brutalidade extrema. As bandas underground queriam criar uma nova forma de gravação, publicação e distribuição da sua música. Espalhando a notícia e música através de pequenas webzines, ou revistas de pouca distribuição. Com esta ação o metal underground ganhou uma audiência não muito grande, mas espalhada por todo o mundo e fanática.

O primeiro género a emergir do material de bandas como os Slayer, Hellhammer e Bathory foi o death metal. O death metal faz uso de atmosfera musical, riffs cromáticas, a técnica trêmulo e progressão. Cada vez que um novo riff põe o padrão musical anterior em contraste cria uma nova sensação no ouvinte, o que faz com que a experiência musical se torne mais intensa ao longo da música. O elemento chave deste género musical são também os vocais – vozes distorcidas como se de monstros e demónios se tratassem. Exemplos de bandas de death metal são os Morbid Angel, Sepultura e Incantation.

O death metal conseguiu com sucesso escapar a assimilações extrínsecas, mas degenerou dentro de si mesmo. Com um maior número de bandas a aparecer, o género começou a vulgarizar e a incorporar formas musicais do mainstream. As editoras aproveitaram a oportunidade para gerar híbridos do death metal com o rock, o chamado death n' roll e uma forma inicial do indie metal, que deixavam de lado a força do death metal bem como as conotações sociais negativas.

O black metal nasceu na incerteza e foi negligenciado aproximadamente uma década, tendo florido no início dos anos 90. Vindo do underground, o black metal tirou as suas influências de bandas como os Hellhammer/ Celtic Frost e Bathory. O objetivo do black metal era quebrar qualquer tipo de possibilidade/intenção de assimilação pelo mainstream. Com uns vocais ainda mais demoníacos, em forma de ruído e suspiro, e uma produção suja, propositadamente, da pior espécie possível, o black metal focava-se mais no ambiente da música do que propriamente na construção musical.

Chegou-se mesmo ao extremo de utilizar auriculares como microfones para que o som soasse como uma “motosserra”. Esta era uma forma de luta contra as editoras e as produções “exageradas”. Era uma resposta à degradação e assimilação que esmagou o death metal. A fama do black metal aumentou à medida que a frustração com a economia global, que parecia estar a remover a cultura rapidamente e a tornar cada canto do planeta próprio para o negócio, aumentava também. O black metal foi o género musical mais famoso a aparecer da cena underground. Depois de uma série dramática de acontecimentos ligados a este género musical, como igrejas queimadas, assassinatos,

tabus políticos e religiosos, que afetaram apenas algumas das bandas originais do black metal, o género foi invadido por hipsters à procura da imagem extrema, mas sem as conotações negativas.

O objetivo inicial do black metal tinha falhado. Apesar da tentativa de alienação, da luta contra a religião e contra a sociedade e das bem-sucedidas conotações demoníacas, muitas vezes teatrais e simbólicas, o género viria a ser dominado. Depois do seu exponencial com a explosão do black metal Nórdico, o género caiu nas mãos de bandas que adaptaram o som para outros géneros e criaram versões com um som mais produzido e facilmente digerido. O estilo foi abandonado pelas bandas originais, fãs e comunidade. Fazem parte destas bandas os Imortal, Mayhem, Darkthrone, Emperor e Burzum.

NU-METAL (1995-2005)

O metal mainstream adicionou influências funk e hip-hop ao death metal para criar uma variante baseada no rock conhecida como nu-metal. Utilizando os ritmos vocais do hip-hop num estilo herdado do “brocore” dos Pantera e seus descendentes, o nu-metal baseia-se nos formatos musicais do rock e riffs do metal. A banda mais famosa deste género musical é os Slipknot, mas outras como os Rage Against The Machine e Marilyn Manson também incorporaram alguns destes elementos. O nu-metal não acrescentou nada de novo, e que já não tivesse sido feito antes por outros, mas com o minimalismo do death metal e a fama do black metal, tornou-se uma força importante no mercado para os jovens que queriam ultrapassar as linhas da socialmente aceitável, chegando mesmo a danificar o seu futuro.

HYBRID METAL (2005-2016)

Quando chegou o século XXI, o metal já tinha quase quatro décadas de evolução, e tornou-se claro que tinha estagnado (para os metaleiros originais). Deixaram de surgir novas ideias e as pessoas focavam-se nos nomes do passado. Aconteceu aquilo que os metaleiros receavam nos anos 70: o metal estava a ser assimilado pelo rock n’ roll e a perder o significado inicial. A indústria discográfica estava, mais uma vez, a apoderar-se do metal. Todos os géneros e subgéneros mencionados neste trabalho caíram no mundo do rock por terem sido desconstruídos da sua forma única de composição narrativa. Durante este período assistiu-se e continua a assistir-se a uma hibridização do metal, ou seja, a uma mistura da música metal dentro e fora do seu género musical.

“You gotta look beyond the mainstream... the mainstream’ll drown you, you know? There’s always a pulse in the underground that I love. And the pulse in the underground is what keeps heavy metal alive.” – Phil Anselmo

“Tens de olhar para lá do mainstream... o mainstream vai-te afogar, sabias? Há sempre uma energia no underground que eu adoro. E essa energia é o que mantém o heavy metal vivo.” – Phil Anselmo

Há quem diga que o metal falhou no seu desenvolvimento e evolução, mas a verdade é que apesar da ideia inicial (evitar a rede mainstream) ter sido um fracasso, o espírito de promoção da diferença, liberdade e luta contra a dissonância cognitiva da sociedade continua a ser o principal motor do metal. Mesmo que a ideia de isolamento e

procura da escuridão tenha, em parte, desaparecido, o metal continuou a evoluir, a procurar novas formas de escrita e novas misturas não só que inovassem a estrutura musical, como dessem também uma nova experiência ao ouvinte. As músicas do género são, hoje em dia, mais trabalhadas, com um som mais produzido, com progressões que tornam a experiência musical do ouvinte uma viagem fantástica. Isto é bom para as bandas e para os fãs do metal, pois significa mais música pesada, mais variedade e mais concertos.

Diminuíram, também, as contradições e confrontos existentes dentro da cena metal. Apesar de esta cultura promover a diferença, cada vez que surgia algum tipo de elemento novo no metal, que não se enquadrasse totalmente na categoria, era imediatamente rejeitado, como por exemplo: a junção de um visual colorido com a música extrema. A evolução do metal deu-se, por isso e principalmente, ao nível ideológico. O aumento da prática da cultura do metal, que deixou de se limitar a um pequeno e restrito grupo (underground) de pessoas, fez com que a forma de pensar e agir elitista dos metaleiros diminuísse. O metal já não “pertencia” a um grupo limitado de fãs, era agora de todos aqueles que abanassem a cabeça ao seu som pesado. Apesar de continuarem a existir “confrontos” entre os diferentes subgéneros do metal, essa prática está a diminuir e assiste-se, hoje em dia, a uma maior união entre os metalheads.

Conclusão

É fácil de entender como é que a cultura (e falamos tanto de cultura erudita como de cultura popular) influenciou o metal. O heavy metal foi buscar influências tanto a períodos históricos do Barroco, Modernismo e Romantismo, períodos esses em que a música clássica se desenvolvia rapidamente e era considerada um luxo pertencente às elites da época (neste caso a música é um tipo de cultura erudita, pois não pertence ao povo), como aos ritmos Africanos e estruturas musicais Anglo-Célticas, ou seja, a chamada música folclórica, do povo para o povo (neste caso a música é um tipo de cultura popular, pois é uma forma de divertimento do povo).

As ideologias presentes no heavy metal são o espelho dos fatores sociológicos que levaram ao seu aparecimento e desenvolvimento. É natural que uma reação às dissonâncias cognitivas da vida moderna seja o aparecimento de uma forma “brutal” de música, não como uma forma de julgar a sociedade, mas como uma forma de auto restauração do indivíduo e muitas vezes de procura de um sentido (luz) num mundo “podre” (escuridão).

Outro dos fatores importantes no desenvolvimento desta música extrema é o fator geográfico. Vimos que a música metal apareceu pela primeira vez no Reino Unido e Estados Unidos devido à industrialização e à descoberta da amplificação. E que a partir daí foi influenciada pelas diferentes culturas dos diferentes países que a captaram e modificaram. Os países Nórdicos, como a Noruega e Finlândia seguiram a vertente do black metal, influenciados pelo ambiente frio, isolado e pouco ou nada religioso. A Europa, por estar centrada, captou várias influências musicais do metal, criando híbridos ou optando por um estilo mais comercial. A Ásia optou sempre por um estilo muito próprio, fazendo uso de instrumentos, ritmos e melodias orientais nas suas composições.

A sétima arte, como vimos, teve um papel absolutamente determinante no aparecimento do heavy metal. As faixas sonoras dos filmes de terror foram essenciais na equação de construção da música extrema.

Os músicos assimilaram também influência de pensadores, filósofos e escritores para compor. Vimos a influência do niilismo de Nietzsche, mas outros escritores, como o H. P. Lovecraft e Aleister Crowley tiveram grande influência em muitos músicos.

Vimos também que as subculturas influenciaram o metal. O skateboarding, por exemplo, influenciou de forma intensa o thrash metal. O estilo gótico influenciou o aparecimento do gothic metal. A recente subcultura emo influenciou o metalcore.

Em Portugal existe uma cultura metal em crescimento e bandas com grande influência, como por exemplo, os Moonspell, Corpus Christii, Ava Inferi, Tarantula, Morbid God e Bizarra Locomotiva. Em todas estas bandas, vemos influências da cultura portuguesa, desde as referências à poesia de Fernando Pessoa, ao sentimento de “saudade” e “lamento” do fado.

Bibliografia

New World Encyclopedia. Disponível em

http://www.newworldencyclopedia.org/entry/Heavy_metal.

Hessian Studies Center. Disponível em <http://www.faqs.org/faqs/heavy-metal/metal-as-concept-1/>.

BUKSZPAN, Daniel. The Encyclopedia of Heavy Metal. Disponível em

https://books.google.pt/books?id=YaDDsg0H35gC&pg=PT135&lpq=PT135&dq=the+encyclopedia+of+heavy+metal&source=bl&ots=amqCSOwmJO&sig=pDZlyr7xJL78_rz4GQ0KXHffVDg&hl=pt

[PT&sa=X&ved=0ahUKEwibisags7vKAhWFtRoKHS6UC9EQ6AEIbjAN#v=onepage](https://books.google.pt/books?id=YaDDsg0H35gC&pg=PT135&lpq=PT135&dq=the+encyclopedia+of+heavy+metal&source=bl&ots=amqCSOwmJO&sig=pDZlyr7xJL78_rz4GQ0KXHffVDg&hl=pt)

[PT&sa=X&ved=0ahUKEwibisags7vKAhWFtRoKHS6UC9EQ6AEIbjAN#v=onepage&q=the%20encyclopedia%20of%20heavy%20metal&f=false](https://books.google.pt/books?id=YaDDsg0H35gC&pg=PT135&lpq=PT135&dq=the+encyclopedia+of+heavy+metal&source=bl&ots=amqCSOwmJO&sig=pDZlyr7xJL78_rz4GQ0KXHffVDg&hl=pt)

RIBEIRO, Pedro, heavyhardmetalmânia. Disponível em

<http://www.heavyhardmetalmânia.net/>